

III Jornada Brasileira de Educação e Linguagem
XII Jornada de Educação de Mato Grosso do Sul
III Encontro dos Mestrados Profissionais em Educação e Letras

Tema: **IMPACTO DAS REFORMAS EDUCACIONAIS
NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES**

UEMS, Campo Grande, Brasil - 06 a 08 de junho de 2018



A PRESENÇA FEMININA E A AUSÊNCIA MASCULINA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: uma dicotomia cristalizada

Adriana Vieira Cavalcante¹
UCDB-MS

Gisela de Moura Bluma Marques²
UCDB-MS

Introdução

A presente investigação propõe algumas considerações a respeito da pesquisa realizada sobre “A presença feminina e a ausência masculina na Educação Infantil: uma dicotomia cristalizada”, em decorrência da participação do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC). A pesquisa tem por objetivo contribuir com os estudos e pesquisas sobre gênero, sem, no entanto, esgotar a temática, buscando identificar e analisar, com base nas relações de gênero, o distanciamento do sexo masculino enquanto docente das instituições de Educação Infantil, e a feminização neste nível de ensino, além de compreender a trajetória histórica do contexto da feminização do magistério com foco na Educação Infantil e no papel da igualdade de gênero no ambiente escolar e contribuir com discussões e reflexões acerca da identidade profissional do docente masculino e feminino da Educação Infantil,

¹ Acadêmica do 7º Semestre do curso de Pedagogia da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB). Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC).

² Mestre em Educação pela Universidade Católica Dom Bosco (UCDB). Docente da Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande – MS – Brasil. Professora Pesquisadora do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) e pesquisadora no Grupo de Estudos e Pesquisas sobre a Docência na Infância (GEPDI).

assim como as questões de gênero que os envolve. A metodologia utilizada neste estudo foi a pesquisa bibliográfica, descritiva da literatura, que visa demonstrar como se processa a discussão sobre gênero, relacionando educação e docência, em livros, artigos publicados em periódicos e documentos oficiais da área, como os Parâmetros Curriculares Nacionais da Educação, Temas Transversais (Brasil, 1997) Rosembeng (2008), Kuhlmann Jr (1998), entre outros.

Metodologia

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica exploratório-descritiva da literatura, com abordagem qualitativa, a qual tem o objetivo de identificar nas produções científicas nacionais a(s) principal (is) tendências dos trabalhos relacionados com o tema da pesquisa.

A pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Existem, porém, pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta (FONSECA, 2002, p. 32).

Inicialmente, uma revisão bibliográfica foi realizada para aprofundamento dos temas de: formação inicial e saberes necessários à docência na infância, as questões de gênero, e feminização do magistério através de uma revisão literária, considerando artigos, livros, revistas e sites como fontes para subsidiar os estudos da presente investigação.

Resultados e Discussões

A ideia de que os homens não são capazes de lidar com crianças, por suas características de “severos” e “autoritários”, os pressupostos históricos ainda acirrados no imaginário das pessoas de que ser professor de crianças é trabalho feminino, “uma segunda mãe”, e até a concepção que a docência neste nível seja uma carreira pouco rendável, termina afastando os homens desse nível de ensino. É preciso mostrar que educar, e não somente cuidar, não é tarefa exclusiva da mãe, mas de quem está habilitado a educar independente do gênero deste.

O contexto de gênero na educação é uma situação abrangente que merece nosso cuidado, pois a procura pelo curso de Pedagogia ou outros vinculados às licenciaturas, pelo sexo masculino é muito pequena, mas não inexistente, podemos supor que a não conclusão,

ou desistência dos homens que adentram nesses cursos, seja devida a diversos fatores, uma delas, o preconceito.

A área da educação é um local onde predominantemente vemos a presença feminina, principalmente quando falamos em Educação Infantil, e quanto menor for a idade dos alunos dificilmente é encontrada a presença masculina nesse espaço, e vale ressaltar que isso se deve também ao fato de baixos salários, preconceitos gerados pelos fatores históricos e a desigualdade no mercado de trabalho.

Buscando a origem do conceito de "divisão sexual do trabalho", Hirata e Kergoat (2007) pontua que:

A divisão sexual do trabalho é a forma de divisão do trabalho social decorrente das relações sociais entre os sexos; mais do que isso, é um fator prioritário para a sobrevivência da relação social entre os sexos. Essa forma é modulada histórica e socialmente. Tem como características a designação prioritária dos homens à esfera produtiva e das mulheres à esfera reprodutiva e, simultaneamente, a apropriação pelos homens das funções com maior valor social adicionado (políticos, religiosos, militares etc.). (HIRATA e KERGOAT 2007, p. 599).

O ato de ensinar, não foi sempre uma tarefa destinada às mulheres. Segundo Louro (1997, p. 449), “a educação no Brasil assim como em outras sociedades foi iniciada por homens, no nosso caso, tivemos esse início pelos jesuítas, ordem que atuou entre 1549 e 1759, em nosso país”.

Sobre a área da docência que é dedicada a infância comentamos sobre as concepções de divisão de gêneros, onde as mulheres são inseridas no conceito da esfera reprodutiva e os homens na esfera produtiva, e no mesmo contexto a Educação Infantil leva a ideia que educar e cuidar é papel da mulher, pois se relaciona a noção de maternidade e cuidado, e isso considera comum a grande maioria de mulheres na profissão de educadoras e, os homens serem desvalorizados e até mesmo sofrer preconceitos na atuação da profissão.

De acordo com Rosemberg (1999):

A educação infantil – tanto na vertente creche quanto na vertente pré-escola – é uma atividade historicamente vinculada à "produção humana" e considerada de gênero feminino, tendo, além disso, sido sempre exercida por mulheres, diferentemente de outros níveis educacionais, que podem estar mais ou menos associados à produção da vida e de riquezas. Isto é, diferentemente de outras formas de ensino, que eram ocupações masculinas e se feminizaram, as atividades do jardim-de-infância e de assistência social voltadas à infância pobre iniciaram-se como vocações femininas no século XIX, tendo ideais diferentes das ocupações masculinas que evoluíam no mesmo período. (ROSEMBERG, 1999, p. 11).

Dessa forma, ao nos depararmos sobre as relações de poder e o espaço ocupados por homens e mulheres na sociedade, compreenderemos os comportamentos e os reflexos dessa relação entre homem e mulher no decorrer da história, não com a intensão de comprovar a

superioridade do homem ou da mulher, nem em determinar o que é próprio para este ou para aquele sexo, mas sim em refletir como os comportamentos de homens e mulheres influenciam no avanço e retrocesso da nossa sociedade.

A presença de homens na Educação Infantil nos dados estatísticos indica que no Ensino Fundamental I existe um maior número de professores por ser um ambiente onde as crianças estão numa faixa etária que não apresenta dependência, ou seja, tarefas onde tem maior contato afetivo e físico não são tão comuns e, com isso acaba sendo uma área onde não tem tanto preconceito, mesmo no Fundamental I ainda não é grande número de professores comparado ao de professoras.

A participação de homens na docência é maior à medida que no avanço dos anos. Segundo o Censo Escolar 2016, na creche (de 0 a 3 anos), eles somam 2,3% do total de docentes. Na pré-escola (4 e 5 anos), são 4,8 %. Nos anos iniciais do fundamental, a taxa é de 10,7% e nos finais (do 6.º ao 9.º ano) o índice salta para quase um terço (30,4%) do total.

Ao falarmos sobre a questão dos homens na educação temos que imaginar que poderíamos criar uma troca de informações, experiências e aprendizagens com a diversidade, pois no ambiente escolar não temos só alunas e sim alunos também, neste ambiente a predominância de mulheres é fato, mas, quando é incluso no ambiente escolar a diversidade acabamos percebendo que muitas vezes o que ocorre é o preconceito por falta de oportunidade.

Atualmente, ainda temos uma visão muito machista a respeito do assunto, pois é difícil imaginar um homem carinhoso, trocando fraldas e dando mamadeira, mas a consciência que a escola é apenas um lugar onde a criança é cuidada deve ser findada, porque na escola ela também recebe conhecimento e não é só cuidada, e as crianças não tem esse conceito formado sobre a diferença entre professor e professora, para ela não importa o sexo e sim como vai ser tratada e como vai ser a aula.

Na maioria das vezes a família dos alunos tem preconceito pela questão do cuidado, eles não sentem medo da criança receber o conhecimento de um homem e sim de receber os cuidados pessoais de um homem, e essa visão é dada por conta do conceito que a Educação Infantil é apenas um lugar onde a criança está para ser cuidada enquanto seu pai tem outros afazeres e não para aprender de fato, e é muito pelo contrário a criança desde o primeiro dia recebe cuidados e, também conhecimentos.

É importante a presença dos homens na Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental, pois em vários casos os alunos na maioria, em seus ambientes cotidianos

convivem somente com mulheres (professoras, babás, mães, empregas e etc.), e esse contato é relevante para que eles tenham uma referência masculina.

Considerações Finais

Percebemos que a igualdade de gênero na educação se deve muito ao contexto histórico da profissão sendo um processo contínuo de transformação para conseguir modificar essa imagem a qual a presença dos homens seja mais comum, em especial na Educação Infantil, buscando quebrar o pré-conceito já existente que é algo muito difícil por conta da desigualdade no mercado de trabalho.

Nesse sentido o presente estudo investiga o exercício da docência, com base nas relações de gênero, nas situações de encontrarmos um maior número de mulheres atuando na educação infantil, e os homens ausentes desse ambiente educacional.

Contudo, falar de igualdade de gênero não é uma tarefa fácil até mesmo falando sobre professores (as) da Educação Infantil, sendo um ambiente que sofre muito por conta da sua desvalorização salarial e preconceito por ser um ambiente rotulado como “segunda casa” onde as professoras assumem o papel de mãe e os professores são desagregados da profissão.

Referências

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. **Novas configurações da divisão sexual do trabalho**. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, v. 37, n. 132, p. 595-609, set./dez. 2007.

KUHLMANN JR, M. **Infância e educação infantil**: uma abordagem histórica. Porto Alegre: Mediação, 1998.

ROSEMBERG, Fúlvia. **Do embate para o debate; educação e assistência no campo da educação infantil**. In: MACHADO, M. L. A. (Org.). Encontros e desencontros em educação infantil. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2008.